



APRESENTANDO AMIZADES, EQUILIBRANDO RELAÇÕES: INTERAÇÕES A PARTIR DAS ATIVIDADES CIRCENSES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Tassiana Jans¹
Daniela Bento-Soares²

RESUMO

As relações sociais são espaços de aprendizado e contribuem com a compreensão e a leitura do mundo, histórica e localmente situadas. Este artigo tem como objetivo discutir as interações que permearam o desenvolvimento de uma proposta pedagógica de atividades circenses na Educação Física escolar. Utilizou-se da pesquisa-ação, com participação da professora-pesquisadora e de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, composta por 23 crianças. Foram utilizados o diário de campo e o aulário, analisados de acordo com a Análise Temática. O tema “Interações” discutiu as relações verbais, corporais, com materiais, com os instrumentos de pesquisa e com a Educação Física de forma geral por parte das crianças. Conclui-se que as atividades circenses são potentes para incentivar as interações nas aulas de Educação Física, a partir dos debates das crianças para a resolução de conflitos e dificuldades e da união que a composição de apresentações circenses pode causar nas crianças.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Atividades Circenses; Interação Social; Estratégias Pedagógicas.

PRESENTING FRIENDSHIPS, BALANCED RELATIONSHIPS: INTERACTIONS DEPARTING FROM CIRCENSES ACTIVITIES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

Social relations are learning spaces that contribute to the understanding and interpretation of the world, historically and locally situated. This article aims to discuss the interactions that permeated the development of a pedagogical proposal for circus activities in school Physical Education. Action research was used, involving the participation of the teacher-researcher and a 1st-grade class composed of 23 children. A field diary and lesson plans were used, analyzed according to Thematic Analysis. The theme "Interactions" discussed verbal, physical, material interactions, interactions with research instruments, and general interactions with Physical Education by the children. It is concluded that circus activities are powerful for encouraging interactions in Physical Education classes, through children's debates to resolve conflicts and difficulties and the unity that composing circus presentations can cause among children.

Keywords: School Physical Education; Circus Activities; Social interaction; Pedagogical Strategies.

¹ Docente da EMEF C.I.C Eduardo Von Zuben, Vinhedo. E-mail: tassiana.jans@unesp.br

² Docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro. E-mail: daniela.bento-soares@unesp.br

PRESENTAR AMISTADES, RELACIONES EQUILIBRADAS: INTERACCIONES SALIENDO DE LAS ACTIVIDADES CIRENSICAS EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

RESUMEN

Las relaciones sociales son espacios de aprendizaje que contribuyen a la comprensión del mundo, situadas histórica y localmente. Este artículo discute las interacciones en el desarrollo de una propuesta pedagógica de actividades circenses en la Educación Física escolar. Se utilizó la investigación-acción con la participación de la profesora-investigadora y una clase del 1º año de la Enseñanza Fundamental, compuesta por 23 niños. Se emplearon el diario de campo y los planes de lecciones, analizados con el Análisis Temático. El tema "Interacciones" abarcó relaciones verbales, físicas, materiales, interacciones con instrumentos de investigación y con la Educación Física. Se concluye que las actividades circenses son efectivas para fomentar las interacciones en las clases de Educación Física, mediante debates entre los niños para resolver conflictos y dificultades, y la unidad generada por la creación de presentaciones circenses.

Palabras clave: Educación Física Escolar; Actividades de Circo; Interacción social; Estrategias pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A experiência docente é permeada pelos saberes e pela cultura das relações sociais que se estabelecem no ambiente escolar. As relações entre professores/as, alunos/as, gestores/as, equipe pedagógica, famílias e comunidade em geral são espaços de aprendizado, ao passo que contribuem com a compreensão e a leitura do mundo, histórica e localmente situadas (Vigostki, 2007).

Da mesma forma, o aprendizado das crianças acontece em suas relações com os/as outros/as e com o ambiente. Suas vivências ganham significados a partir das emoções e sentimentos que fomentam, as quais, “em conjunto com outras funções psicológicas e nas interações sociais, [...] ganham complexidade e possibilitam formas de atuação mais conscientes” (Tassoni e Leite, 2011, p. 81). Portanto, cabe aos/as professores refletirem e construir estratégias pedagógicas que se atentem às emoções e às relações das e entre as crianças, a fim de incentivar a co-construção de novos conhecimentos (Vigotski, 2007). Sobre isso, apoiamos Libâneo (1994, p. 8), quem afirma que “o professor necessita de uma instrumentalização ao mesmo tempo teórica e técnica para que realize satisfatoriamente o trabalho docente, em condições de criar sua própria didática”.

Assim, parece-nos que as estratégias pedagógicas sociais, ou seja, aquelas que permitem e facilitam a troca de conhecimentos entre as crianças e das crianças com os/as professores/as (Bento-Soares; Schiavon, 2022) podem colaborar com o desenvolvimento das emoções, das habilidades de comunicação e, logo, com o desenvolvimento infantil. Dentre

os temas que compõem a cultura infantil, o brincar é um dos mais considerados, pois é por seu meio que “as crianças transformam tudo o que o mundo lhes oferece em algo próprio, partilhado, específico” (Borba, 2008, p. 86).

Neste universo cultural, as atividades circenses são uma temática que podem se fazer potentes, devido ao seu caráter lúdico, cultural e desafiador (Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo, 2011). O circo faz parte do contexto infantil de muitos grupos sociais (Duprat; Bortoleto, 2007) e apresenta infinitas possibilidades de atividades e brincadeiras de faz de conta, além de ser objeto de estudo da Educação Física (Zaim-de-Melo; Godoy; Braccialli, 2020).

Assim, aliar o brincar e o circo nas aulas de Educação Física pode representar possibilidades de reflexões e diálogos com uma prática educativa centrada nas relações entre alunos/as e professores/as. Logo, essa conjunção pode ser um eixo articulador de uma intenção de tornar o processo de aprendizado significativo, permitindo diálogos entre os/as alunos/as e valorizando as relações interpessoais.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo discutir as interações que permearam o desenvolvimento de uma proposta pedagógica de atividades circenses na Educação Física escolar. Esta pesquisa é parte de um estudo do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Física em Rede, do núcleo (retirado para manter o artigo anônimo para avaliação).

PILARES TEÓRICOS DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Para Vigotski (2007), o brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Nessa perspectiva teórica, pode ser considerado que a brincadeira é uma fonte de comunicação, pois até mesmo quando realizada de forma solitária, pressupõe a conversa e a troca com outras pessoas presentes fisicamente ou suas representações mentais (Cordazzo; Vieira, 2007). Portanto, a brincadeira contribui diretamente para o desenvolvimento da criança, em aspectos sociais e cognitivos, permitindo o desenvolvimento. O ato de brincar também é um canal para o desenvolvimento da criatividade, que envolve a imaginação da criança, permitindo novas formas de expressão (Vigotski, 2007).

Ao mesmo tempo, é importante considerar a importância do diálogo como uma ferramenta para a construção do conhecimento e o desenvolvimento crítico dos/as alunos/as (Freire, 1987). Valorizando a comunicação, o/a professor/a pode favorecer com que o/a

aluno/a reflita e troque suas impressões com os/as outros/as, socializando seu aprendizado e participando de um ambiente onde as dúvidas possam ser compartilhadas, investigadas, experimentadas e superadas, de acordo com a experiência social de cada criança.

Estes princípios, o brincar e o diálogo, podem ser exercitados na mediação das atividades circenses nas aulas de Educação Física. Estas, por terem natureza propícia para o desenvolvimento dos aspectos lúdicos, podem proporcionar um ambiente profícuo para a exploração, a experimentação e o aprendizado (Borba, 2008) por meio das interações propostas pelo brincar e pelo entendimento de seus materiais circenses como brinquedos. Os brinquedos são considerados instrumentos pelos quais a criança aprende a agir em uma esfera cognitiva (Vigotski, 2007). Assim, dependendo de suas motivações e tendências internas, a criança cria sentidos para as diferentes situações que a cerca.

Dessa forma, as atividades circenses podem ser utilizadas como meio para incentivar as interações sociais e promover a cooperação entre os/as alunos/as, estimulando a expressão criativa, a cooperação e o respeito mútuo.

PERCURSO INVESTIGATIVO

Esta pesquisa utilizou-se da abordagem da pesquisa-ação (Thiollent, 1985), com participação das crianças durante o processo educativo. Dadas suas características, adotou-se uma perspectiva de pesquisa social (Minayo, 1993).

Compuseram a equipe e os/as sujeitos da pesquisa, além da professora-pesquisadora, uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola da cidade de Vinhedo/SP. A turma foi composta de 23 crianças de cinco a sete anos, sendo nove meninos e catorze meninas, que estudavam no período da tarde. Uma vez que as crianças participaram da pesquisa como sujeitas e pesquisadoras, todas assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

O processo de constituição da pesquisa se deu a partir de diferentes etapas. Inicialmente, após a concordância da gestão da escola para a realização do estudo, houve uma reunião com os/as responsáveis pelas crianças para apresentação da proposta, seu objetivo geral e temática das atividades, bem como para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, as atividades foram divididas em seminários e microciclos (Thiollent, 1985).

O seminário constitui-se como um momento de discussão da pesquisa com as pessoas

participantes, em nosso caso, as crianças da turma, sobre as problemáticas que envolvem as atividades que serão realizadas e o estabelecimento de objetivos de investigação, discussão e reflexão (Thiollent, 1985). Neste primeiro seminário, destacou-se o reconhecimento de problemas de comportamento entre as crianças, com queixas como falta de respeito, falta de diálogo e resolução de problemas através de agressões físicas e verbais, tanto por parte da professora-pesquisadora quanto pelo próprio grupo de alunos/as. A professora apresentou às crianças a temática que gostaria de desenvolver para este contexto, as atividades circenses, que foram prontamente aceitas com interesse.

Nessa pesquisa, os seminários foram realizados a partir da roda de conversa, dada sua importância pedagógica, incentivando a dialogicidade e suas implicações na construção das interações sociais. Sobre isso, Angelo (2006, p 6) explica que, na roda de conversa,

Cada criança é desafiada a participar do processo, tendo o direito de usar a fala para expressar suas ideias, emitir suas opiniões, pronunciar a sua forma de ver o mundo. Falando e escutando o outro que fala, as crianças vão experimentando a construção coletiva de encaminhamentos necessários à resolução de conflitos que surgem no interior do grupo.

Uma proposição foi feita pela professora, com a concordância das crianças, para que houvesse divisão dos microciclos por personagens da cultura circense e suas habilidades. Neste momento, a partir da tematização oral sobre as atividades circenses, o grupo identificou conhecimentos que gostaria de explorar nas aulas seguintes, baseado em conversas sobre o assunto e nas experiências prévias das crianças com este universo.

Em seguida a este e a cada seminário, desenvolveu-se um microciclo (Thiollent, 1985), momento específico de realização de ações, que seriam posteriormente avaliadas e reformuladas. Para cada microciclo, as crianças e a professora decidiram juntas pelo personagem a ser tematizado em aulas seguintes, o que aconteceu consecutivamente, até a finalização do processo da pesquisa.

Deste modo, a duração dos microciclos foi estabelecida em parceria entre as crianças e a professora ao longo das aulas, em diálogos iniciados pela pesquisadora, quando percebia certo esgotamento do tema, por vezes por conta do interesse dos/as alunos/as sobre o assunto ou de seu próprio domínio sobre a temática tratada. Em uma situação, o microciclo foi encerrado por decisão da professora, ao identificar que a segurança das crianças se tornava comprometida pela dificuldade dos movimentos que estavam realizando, quando analisada do ponto de vista da estrutura física disponível na escola (colchões disponíveis, por exemplo). Acrescenta-se a isso o cuidado para que a unidade didática desenvolvida não extrapolasse o

planejamento anual de aulas da turma, atendendo às expectativas da escola e da Rede Municipal de Ensino.

Da mesma forma, a ideia de realização de uma apresentação aberta para a comunidade ao final das atividades surgiu das crianças e foi endossada pela professora. Assim, aulas destinadas ao planejamento e aos ensaios desta demonstração foram incluídas na programação dos microciclos. A atividade serviu, portanto, como evento culminante do processo, assim como realizado por Chioda (2018) e Mendes e Laranjeira (2021). É importante ressaltar que, como parte de uma pesquisa-ação (Thiollent, 1985), pode-se dizer que o evento culminante foi o ponto de partida para novas problematizações, pois mostrou aos/as alunos/as, à professora-pesquisadora e à equipe gestora da instituição possibilidades de investigações que podem ser feitas no ambiente escolar.

A organização da unidade didática construída nesta pesquisa-ação se deu, portanto, com quatro microciclos, compostos por 14 aulas, bem como quatro seminários realizados em uma aula inteira ou ao final de aulas, conforme a organização a seguir: a. seminário inicial e preenchimento do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido; b. evento disparador – leitura do livro “O circo chegou!”, de Becicks e Bortoleto (2015); c. Microciclo 1 – Palhaço, com duas aulas e um seminário; d. Microciclo 2 – Acrobata, com duas aulas e um seminário; Microciclo 3 – Malabarista, com quatro aulas e um seminário; Microciclo 4 – criação da apresentação final, com três aulas e a apresentação em si.

Foram utilizados dois instrumentos para registros dos dados da pesquisa. O diário de campo foi construído pela professora-pesquisadora durante o projeto, para promover a reflexão e ação ao longo das aulas. Nele, foram registradas informações sobre o desenvolvimento das aulas (número de alunos/as presentes, data, descrição da atividade proposta) e, especialmente, observações e reflexões sobre as atividades práticas, incluindo narrativas e observações sobre as crianças, suas relações e emoções. Já o aulário, um “diário” coletivo, foi produzido pelos/as alunos/as nas aulas de Educação Física, inspirado no estudos de Desiderio (2023) e Bento-Soares e Desiderio (2017). Neste caderno, as crianças registraram as atividades realizadas com desenhos e narrativas, auxiliados por suas famílias, que por vezes atuaram como escribas. A cada semana, uma criança levou o aulário para casa e o devolveu na semana seguinte para outra criança. Os dados construídos nos aulários foram analisados com base no formato de realização dos registros (desenho ou escrito), os elementos presentes nos relatos e detalhamento das expressões de cada criança.

Para além dos dois instrumentos propostos, foram utilizadas fotografias e vídeos

produzidos pela professora-pesquisadora durante as aulas, a fim de ilustrar as atividades e como fonte de dados para discussões com as crianças sobre o trabalho que estava sendo realizado, nos momentos de seminário. As imagens foram produzidas com autorização das famílias e das crianças.

A análise dos dados do diário de campo foi realizada com base na Análise Temática de Braun e Clarke (2014), de forma a elucidar os assuntos que mais significativamente afetaram a professora-pesquisadora ao longo do estudo. As informações construídas e analisadas e que serão apresentadas neste artigo compõem o tema “Interações”, que reuniu informações descritas nos códigos “Conflitos positivos e negativos” e “Fala e Escuta”, com o intuito de analisar como se deram essas relações durante as aulas.

No código “Conflitos positivos e negativos”, foram selecionados trechos das narrativas que compuseram o diário de campo em que a professora-pesquisadora destacou discordâncias entre as crianças e brigas durante as atividades, consideradas como “negativas”; ao mesmo tempo, quando, a partir da mediação da professora ou de outras crianças tais situações foram solucionadas e levaram a aproximações entre os/as alunos/as e a potencialização do trabalho coletivo, os conflitos foram considerados “positivos”, de modo a aproximar os resultados do objetivo da pesquisa. Já no código “Fala e Escuta”, foram analisados os relatos referentes à interlocução entre as crianças na resolução dos problemas, a evolução dos diálogos nas rodas de conversa e os registros sobre o olhar atento da professora ao longo das atividades, que deram sinais sobre o esgotamento dos microciclos ou a necessidade de replanejamento das ações propostas por ela.

A partir da construção desse tema, as informações construídas no aulário foram utilizadas em uma proposta de triangulação dos dados, validando ou contestando as impressões da professora-pesquisadora, como forma de incluir as interpretações das crianças sobre a proposta realizada nos dados da pesquisa.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número CAAE 68323223.3.0000.5465.

O NOSSO ESPETÁCULO: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

As etapas da pesquisa, assim como a unidade temática proposta com as aulas, foram divididas em quatro microciclos. Com base no primeiro seminário realizado, o primeiro microciclo planejado tematizou o palhaço. Foram realizadas atividades de jogos de imitação

e criação de esquetes e coreografias em grupos. Magalhães e colaboradores/as (2023) e Zaim-de Melo, Godoy e Bracciali (2020) enfatizam que apesar do palhaço estar muito presente no imaginário da sociedade não apenas como um personagem circense, são encontradas poucas informações sobre o ensino desse assunto nas aulas de Educação Física. Esta dificuldade de tematização foi sentida pela professora-pesquisadora e pelos/as alunos/as que, após duas aulas nessa temática, constataram o esgotamento do assunto, o que levou à finalização do microciclo e realização de um novo seminário.

Neste momento, houve a sugestão, por parte de uma criança, de que o próximo tema abordado fosse sobre trapezistas, seguindo a ordem de personagens apresentados no livro “O circo chegou!” (Bedicks; Bortoleto, 2015). Por esse motivo, o segundo momento de atividades tematizou as acrobacias. Esse microciclo, por ausência de estruturas físicas na escola que proporcionassem a utilização de aparelhos de acrobacias aéreas, como lira, tecido e o próprio trapézio, teve como atividade central as acrobacias de solo, que foram desenvolvidas em duplas, trios e quartetos e os equilíbrios, por duas aulas.

Segundo Tanan e Bortoleto (2008), as acrobacias coletivas são essencialmente um modelo colaborativo de realizar movimentos da Ginástica, em que os/as praticantes desenvolvem capacidades físicas e habilidades motoras fundamentais. Além disso, favorecem relações interpessoais, em uma experiência física agradável e divertida, tornando-se também agentes do desenvolvimento da responsabilidade, confiança e compromisso, dados corroborados por Torres e Dantas (2017).

As crianças envolveram-se com grande motivação nas atividades desse tema; porém, tornaram-se displicentes com a segurança durante as brincadeiras. Em razão disso, a professora-pesquisadora decidiu encerrar o microciclo e introduzir nas atividades um/a novo/a personagem.

O próximo seminário foi rico em discussões por parte das crianças, que sugeriram a temática do malabarismo. Esse assunto manteve-os/as motivados/as por quatro aulas, em ações que exigiram trabalho em equipe e a superação de desafios seguros. A motivação para esse tipo de modalidade também foi encontrada por Pitarch (2000), que afirma que além de desenvolver as capacidades motoras, percepção espacial e temporal, os jogos de malabares possuem uma dimensão expressiva e criativa, dando um sentido amplo para a sua inserção nas aulas.

Nesse microciclo, a troca de conhecimentos entre as crianças ficou ainda mais clara, pois aquelas com maior domínio motor dos movimentos colocaram-se como mediadoras do

aprendizado de colegas. Segundo Vigotski (2007), as interações sociais são importantes no âmbito do desenvolvimento da criança, pois proporcionam o processo de internalização do que foi aprendido. Através das interações com o/a outro/a e com o meio, a criança é capaz de exteriorizar esse aprendizado, interagindo com o/a outro/a e sendo impulsionada a ensinar e mostrar para os/as colegas como resolver o desafio. Essa atitude, bastante motivada pela professora-pesquisadora, resultou colaborações produtivas.

Durante o último seminário, as crianças expuseram grande interesse e ansiedade em apresentar os conhecimentos aprendidos durante o projeto para suas famílias. Nesse momento, os/as alunos/as verbalizaram a vontade de produzir uma apresentação final. Assim, o último microciclo constituiu-se de criação coletiva de um “espetáculo”, intitulado pelas crianças como “Arte e Travessura”. O público dessa apresentação foi formado pela comunidade escolar (professores/as, funcionários/as e alunos/as de outras turmas) e as famílias das crianças artistas. Esse evento culminante tornou-se a atividade de encerramento do ano da turma.

Nas aulas que compuseram os microciclos, foram apresentados aos/as alunos/as materiais como bolas, tules, trave de equilíbrio, colchões, arcos e outros. No início de cada encontro, foi realizada uma roda de conversa para relembrar as atividades e vivências das aulas anteriores, trazendo novas informações sobre a atividade circense selecionada para cada aula. As crianças participaram brincando e experimentando os materiais, em grupos.

Ao final de cada microciclo, foi realizado um seminário, para compartilhar as experiências e ressaltar os aspectos mais importantes de cada proposta pedagógica, pelos olhares das crianças. Nesses momentos, os/as alunos/as viram suas fotografias e vídeos realizando as atividades, realizaram a leitura do aulário e análise e planejamento conjunto do próximo microciclo. Estes seminários também se realizaram em rodas de conversa, formato conhecido pelas crianças e que proporciona diálogos interessantes.

Uma dificuldade encontrada na pesquisa com relação às interações diz respeito às primeiras rodas de conversa e seminários realizados. No início, foi possível perceber que as crianças tinham pouca paciência para ouvir os/as colegas e algumas não se sentiam seguras de expressar seus relatos (Aulas 1 e 2, diário de campo). Esse foi um aspecto esperado e parte do processo de aprendizado: crianças nessa faixa etária ainda não conseguem se expressar verbalmente com clareza (Pasqualini, 2009) e, por vezes, acabam interrompendo os/as colegas ou preferindo manter-se caladas. Por esse motivo, como forma de contribuir para a formação humana dos/as alunos/as (Maturana; Rezepka, 2000), incentivar os momentos de

fala é imprescindível para que as crianças aprendam a socializar suas ideias, respeitando o momento dos/as colegas fazerem isso.

No entanto, foi possível perceber uma mudança gradual desse comportamento, especialmente quando, na Aula 4, as crianças expressaram suas preferências e pediram para realizar de novo o movimento de pirâmide (Aula 4, diário de campo). O mesmo aconteceu na Aula 7, quando as crianças expressaram suas dificuldades e, posteriormente, sua satisfação, em relação às atividades de desafios em roda de malabarismo (Aula 7, diário de campo).

Nessa atividade, todas as crianças formaram uma única roda e, cada uma com tule nas mãos, deveria lançar o tule para cima e trocar de lugar com o/a colega que estava em seu lado direito, recuperando o tule lançado pelo/a outro (Aula 7, diário de campo). Essa atividade foi o jogo “relógio”, inspirado em Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2011), e permitiu às crianças vivenciarem fundamentos do malabares, como tempo de queda do objeto e localização espacial através de uma atividade lúdica. Todos/as os/as alunos/as da sala estavam envolvidos/as na mesma roda; sendo assim, a atividade foi muito desafiadora e, ao mesmo tempo, uma das brincadeiras em que mais tivemos diálogos para tentar auxiliar os/as colegas com maior dificuldade.

Foi possível notar, assim, que a interação social proporcionada pelas atividades citadas foram elementos disparadores para que a interação verbal se desenvolvesse nas rodas de conversa. Além disso, a partir da realização dessa brincadeira, as crianças passaram a se comunicar melhor sobre a resolução de problemas. Essas interações sociais foram marcantes para as crianças e frutos de registro no Aulário (Aula 9, aulário), como pode ser visto na Figura 1:

Figura 1 – Desenho registrado no aulário da Aula 9



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa.

Legenda: No texto escrito pela criança, pode-se ler: “Hoje brincamos de passar o fantasma para o amigo”.

As atividades realizadas nos diferentes microciclos da pesquisa foram planejadas para serem desenvolvidas de forma coletiva, a fim de que as crianças interagissem diretamente com seus/suas pares e com a professora-pesquisadora. Santos Neta e colaboradoras (2023) reafirmam a importância deste tipo de planejamento, ao destacar a relevância do desenvolvimento das habilidades sociais para o desenvolvimento integral da criança. Os/as autores/as destacam que durante a primeira fase da vida, o ambiente educativo exerce um papel essencial no progresso das aptidões sociais, ao promover interações entre crianças, educadores/as e demais profissionais, impulsionando o crescimento cognitivo, social, físico e emocional nesse período crucial (Santos Neta et al., 2023).

Além da comunicação verbal, podem ser analisadas as interações através do corpo (Lima; Silva, 2021). Quando desafiadas, no início do projeto, as crianças se sentiam inseguras e não conseguiam criar movimentos com o/a outro/a. Um relato da Aula 2, disponível no diário de campo, reforça essa impressão: “Percebi que muitos/as não conseguiam criar um movimento diferente. Então, enfatizei que o desafio seria fazer o/a outro/a rir e, nesse momento, deixei que formassem as duplas da forma como quisessem”.

Essa interação evoluiu de tal maneira que, no momento culminante do projeto, a apresentação circense para as famílias, todos/as os/as alunos/as conseguiram realizar suas propostas, mesmo com uma plateia nem sempre conhecida. Sobre isso, os/as autores/as Yonamine e Rossi (2021, p. 19) dissertam que, através das atividades circenses, é possível notar mudanças no comportamento de crianças, como “a diminuição de estigmas e preconceitos, a cooperação, a autonomia, a ampliação das interações cotidianas e a união do grupo como pontos principais de transformação”.

Ainda neste tema de análise, podem ser destacados os “conflitos positivos ou negativos”, ocorridos quando a interação com o/a outro/a gerou embates que, por vezes, foram solucionados com diálogo ou, em outras, finalizados com brigas e a necessidade de intervenção da professora-pesquisadora. Apesar de todos os conflitos proporcionarem situações ricas para o aprendizado do/a aluno/a, foram considerados “negativos” aqueles em que houve desconforto de ao menos uma das partes envolvidas ou a possibilidade de uma lembrança negativa em relação à atividade que estava sendo experienciada.

Em todas as atividades em que há interação, há negociação (Corsi, De Marco, Ontagñón, 2018), por vezes, manifestada por desentendimentos. Foi possível notar que quando as interações ocorriam entre colegas mais próximos/as, costumavam ser mais

positivas e pacíficas, provavelmente pois as crianças sentiam-se confortáveis com aquelas com quem já estavam acostumadas a brincar. Porém, quando a criança era instigada a interagir com outra com quem não tinha afinidade, houve desconforto, exigindo assim uma adaptação maior a nova situação posta. Logo, as estratégias pedagógicas propostas nas aulas deveriam incentivar a interação com diferentes colegas, para que as habilidades sociais fossem exercitadas a ponto de que a interação com pessoas diferentes não causasse incômodo.

Para tanto, foi adotada a seguinte dinâmica para as atividades que exigiam a participação em grupos: inicialmente, a professora-pesquisadora deixava que as crianças escolhessem seus/suas pares, diminuindo o desconforto para que pudessem realizar a nova proposta; quando já haviam se familiarizado com a atividade, pedia que trocassem de grupos, misturando-as e gerando um novo desafio, agora com relação aos/às outros envolvidos/as.

Esse incômodo inicial foi maior nas atividades que envolviam ações de imitação. Sobre isso, há o seguinte registro no diário de campo da Aula 2: “Tivemos casos de crianças não quererem formar dupla com ninguém. Aí, eu formei as duplas das crianças que tiveram mais resistência”. Com o passar das aulas, as crianças já estavam acostumadas com essas trocas e com as diferentes interações, focalizando seus esforços e energias nas atividades.

Com a evolução na organização dos grupos e nos conflitos negativos, também foram modificadas as formas de mediação das interações. No início, as discussões e até mesmo as raras brigas passaram a ser resolvidas pontualmente, através do diálogo, em dinâmicas em que todas as partes eram ouvidas e a solução era encontrada. Com o passar dos encontros, as próprias crianças tentavam resolver os conflitos da forma como foram orientadas inicialmente. Esse comportamento se alinhava ao esperado por Freire e Macedo (2011, p. 82): “(...) o papel mais importante da pedagogia crítica é levar os alunos a reconhecerem as diversas tensões e habilitá-los a lidar com elas eficientemente”.

Neste contexto, as atividades circenses contribuíram da mesma maneira como averiguado por Takamori e colaboradores/as (2010), que destacaram mudanças de postura das crianças após a realização de um projeto com essa temática, especialmente relacionadas à cooperação entre os pares, elevação de autoestima e a promoção de soluções conscientes para conflitos. Semelhantes resultados foram encontrados por destacado por Messias (2020, p. 73), em sua pesquisa sobre as atividades circenses na Educação Infantil, destacando aspectos “como a cooperação, solidariedade, respeito e tolerância”.

Pode ser observado nos registros do aulário, ainda, que em muitos momentos as crianças desenharam o/a colega realizando a atividade, mostrando que entendem e

identificam a interação com o/a outro/a como aspecto fundante da brincadeira. No registro a seguir, pode ser observada uma brincadeira de pega-pega (Aula 6, aulário):

Figura 2 – Desenho registrado no aulário da Aula 6



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa.

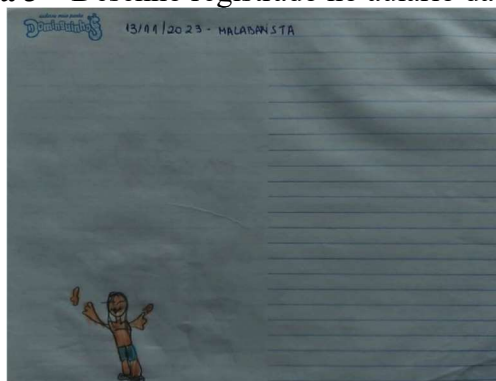
A interação das crianças com o aulário também foi analisada. Inicialmente, as crianças entregaram o aulário em branco, com pouco comprometimento com o registro; nas últimas aulas, o material devolvido era rico em anotações e desenhos e as crianças pareciam motivadas a apresentar suas produções para os/as colegas. Durante os seminários, boa parte das crianças gostaram de mencionar que os registros apresentados eram de sua autoria.

Além disso, muitas crianças que entregaram o aulário em branco pediram uma nova oportunidade para realizar seus registros. Essa mudança no comprometimento nos mostra que quanto mais as crianças estão envolvidas e conscientes do seu aprendizado, mais comprometidas com as tarefas se tornam (Agostini, 2018). Assim como no estudo de Desiderio (2023), o aulário traz registros das crianças sobre as atividades realizadas nas aulas e proporciona a apresentação de narrativas das crianças sobre o que foi vivenciado, destacando os aspectos de grande significação para elas.

As interações aconteceram ainda com os materiais utilizados nas aulas e com os/as personagens circenses. Inicialmente, na Aula 3, foi apresentado o pandeiro como um material para criação de uma coreografia, parte das atividades cênicas do/a palhaço/a. No entanto, as crianças se desencantaram pelo material oferecido e criaram coreografias sem a utilização desse instrumento, pois estavam mais focadas em criar movimentos difíceis para apresentar.

Essa interação com os materiais das atividades mudou nas Aulas 6, 7, 8 e 9, quando foi tematizado o malabarismo. Isso pois o material para essa modalidade circense é muito representativo; as crianças compreenderam que aquele seria um instrumento utilizado para aprender sobre o/a personagem e sobre sua movimentação específica.

Figura 3 – Desenho registrado no aulário da Aula 8



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa

É interessante comentar que, em outros desenhos (Aulas 7 e 8, aulário), as crianças representaram a atividade de malabarismo com bolas. Porém, em nenhum momento realizaram essa movimentação com esse material na escola, utilizando apenas tules. Podemos interpretar que, como comumente veem malabaristas circenses utilizando bolinhas, as crianças fizeram uma representação fiel do que possuem em seu imaginário. Vigotski (2007, p. 107) nos explica: “a criança desenha de memória e não de observação. Ela desenha o que sabe sobre a coisa; o que lhe parece mais essencial na coisa, e não aquilo que vê ou o que imagina sobre a coisa”.

Figura 4 – Desenho registrado no aulário da Aula 8



Fonte: Aulário confeccionado pelas crianças participantes da pesquisa

A análise da interação das crianças com os materiais nos leva a refletir sobre a necessidade de representatividade dos implementos nas tarefas realizadas: o tule pode ser, para as crianças pequenas, comparado às bolinhas, pela sua movimentação; no entanto, o pandeiro para um esquete de palhaços/as, para elas, não fez sentido. Apesar das crianças conseguirem ressignificar a utilização dos materiais, elas têm expectativas em relação ao seu

próprio aprendizado; assim, quando essa expectativa não é atingida muito facilmente, se distraem com facilidade e, por vezes, acabam abandonando o material ofertado. A questão lúdica e relacionada ao imaginário do circo é bastante relevante no trabalho com as crianças.

Com relação aos/as personagens, não foi percebido desinteresse. No entanto, foi possível analisar que a complexidade das atividades instigou as crianças a se conectarem mais com algumas figuras circenses. As atividades propostas sobre o palhaço foram mais simples do ponto de vista motor e causaram pouco impacto; já as atividades de malabarismo, mais complexas, motivaram mais as crianças, que logo se encantaram com este personagem. Notamos aqui a relação direta entre o interesse das crianças pelas atividades propostas e seu grau de dificuldade: quanto mais desafiadoras as atividades, maior seu interesse e dedicação durante a realização (Bortoleto; Pinheiro; Prodócimo, 2011).

Ainda, possivelmente, a experiência da professora-pesquisadora com esses conhecimentos, sobre o palhaço e malabares, influenciou nessa dificuldade das tarefas apresentadas. Como já afirmado, o pouco conhecimento sobre estratégias pedagógicas a serem desenvolvidas para atividades expressivas pode ter tornado as propostas menos desafiadoras para as crianças. Neste sentido, endossa-se a necessidade de novas pesquisas específicas sobre esse tema e faixa etária, a fim de que formação complementar sobre o assunto possa ser realizada.

Por fim, cabe destacar as interações das crianças com a Educação Física escolar. Um dos aspectos interessantes é a mudança significativa na relação das crianças com as aulas de Educação Física trazidas pelas atividades circenses. Antes desse assunto ser tematizado, quando a professora chegava na sala de aula para buscar as crianças, muitas corriam para perguntar se poderiam brincar de bola. Apesar de o conteúdo Esporte não ser particularmente tematizado nas aulas de Educação Física com essa faixa etária por essa professora, as crianças sempre queriam realizar atividades com esse material. No entanto, depois de iniciado o plano de trabalho deste estudo, essas perguntas cessaram, pois as crianças tornaram-se ansiosas pela leitura do livro e pela descoberta do/a personagem que iria ser desenvolvido/a em cada aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu discutir como, a partir das atividades circenses, podem ser incentivadas as interações entre as crianças, com professores/as e com uma temática específica.

Trouxe alguns indícios sobre como pode ser planejada uma unidade didática a fim de incentivar propostas pedagógicas que sejam centradas nas relações sociais no ambiente escolar, enfatizando o brincar, o diálogo e a relação lúdica com conhecimentos da cultura corporal.

Para que isso seja possível, é importante que o/a professor/a-pesquisador/a compreenda e valorize as diversidades do grupo, bem como incentive as diferentes manifestações do desenvolvimento das crianças, proporcionando um ambiente em que se sintam acolhidas, respeitadas, ouvidas e desafiadas a refletir sobre suas ações e sentimentos, individuais e coletivos. Assim, desde que o/a professor/a se proponha a desenvolver estratégias pedagógicas sociais, em que as crianças interajam entre si, com adultos/as e com o contexto, é possível que haja o incentivo para o aprendizado sobre a convivência e as diferenças.

As observações e a escuta sensível e pedagógica às reações e motivações das crianças foram elementos fundamentais para que as atividades circenses tenham atingido o objetivo inicial de favorecer tais interações, permitindo que as crianças se interessassem pela temática, aprofundando seus conhecimentos sobre os/as personagens que fazem parte do universo circense. As atividades circenses revelaram potencial para constituir uma linguagem expressiva-artística, que contribuiu para a formação das crianças, uma vez que sua atmosfera lúdica pode ser uma característica que orientará as práticas pedagógicas (Yonamine, Rossi, 2021).

Foram observadas mudanças significativas na forma de interagir e resolver os conflitos interpessoais e, nessa perspectiva, as atividades e as estratégias utilizadas foram adequadas para que as crianças pudessem participar ativamente de todo o processo educativo, opinando, avaliando e decidindo juntamente com a professora-pesquisadora.

Ainda, o estudo destaca as potencialidades do desenvolvimento de pesquisa-ação no ambiente escolar, por professores/as-pesquisadores/as, que, em parceria com as crianças e a comunidade escolar como um todo podem descobrir novas possibilidades pedagógicas, alinhadas com as expectativas dos/as “grandes personagens” do contexto escolar: os/as alunos/as.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Nilo. Conscientização e Educação: ação e reflexão que transformam o mundo. **Pro-Posições**, Campinas, v. 29, n. 3, p.187-206, set./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2015-0105>. Acesso em: 02 mar. 2024.
- ANGELO, Adilson de. A pedagogia de Paulo Freire nos quatro cantos da educação da infância. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100001&lng=en&nrm=abn Acesso em: 17 Jan. 2024

BEDICKS, Maria Gloria; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O circo chegou! Campinas: FEF/UNICAMP, 2015. Disponível em: <https://circonaescola.com.br/livro>. Acesso em: 10 mar. 2024

BENTO SOARES, Daniela; SCHIAVON, Laurita Marconi. Reflexões sobre a formação de treinadores/as à luz da teoria histórico-cultural. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 25, 2022. DOI: 10.5216/rpp.v25.70462. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/70462>. Acesso em: 11 jun. 2024

BENTO-SOARES, Daniela. DESIDÉRIO, Andrea. O livro da educação física: registro gráfico e escrito das aulas de circo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIRCO, 4., 2017, Campinas: FEF/UNICAMP. **Caderno de Resumos [...]: inovação e criatividade**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2017. p. 293-295.

BORBA, Angela Meyer. As culturas da infância no contexto da educação infantil. In: VASCONCELLOS, Tânia de. **Reflexões sobre infância e cultura**. Niterói: EdUFF, 2008. p. 73-91.

BORTOLETO, Marco Antônio Coelho; PINHEIRO, Pedro Henrique Godoy Gandia; PRODÓCIMO, Elaine. **Jogando com O Circo**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2011. Disponível em: <https://www.circonteudo.com/livraria/jogando-com-o-circo-2/>. Acesso em: 29 nov. 2023

BRAUN, Virgínia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Inglaterra, v. 3, n. 2. p. 77-101, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 01 fev. 2024.

CHIODA, Rodrigo Antonio. **Uma aventura da alegria e do risco**: Narrativas de um professor de educação física sobre o ensino das atividades circenses. 2018. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte.; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 89-101, mar. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812007000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 dez. 2022.

CORSI, Laís Marconato; DE MARCO, Ademir; ONTAÑÓN, Teresa Barragán. Educação Física na Educação Infantil: proposta interdisciplinar de atividades circenses. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 21, n. 4, 2018.

DESIDÉRIO, Andrea da Silva. **Aulário/Aulario**: Educação Física Escolar em Fluxo. 2023. Dissertação (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física; Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. Educação Física escolar: Pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Curitiba, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, George; SILVA, Maria. Linguagem corporal e comunicação: a criança e o brincar; **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, Juazeiro do Norte, v. 9, n. 1. p. 969-974, dez. 2021. DOI: 10.16891/884. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/884>. Acesso em: 14 fev. 2023.

MAGALHÃES, Yan Pablo Franco; SOUZA, Patrick Aparecido Ferreira de; GODOY, Luis Bruno de; RODRIGUES, Gilson Santos; ZAIM-DE-MELO, Rogério. Tem palhaço na Educação Física escolar? Tem, sim senhor!. **Motrivivência**, [S. l.], v. 35, n. 66, p. 1–19, 2023. DOI: 10.5007/2175-8042.2023.e93244. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/93244>. Acesso em: 29 fev. 2024.

- MATURANA, Humberto; REZEPA, Sima Nisis de. **Formação Humana e Capacitação**. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MENDES, Simone de Fátima Alves; LARANJEIRA, Carolina Dias; “Trocadilho”: uma proposta pedagógica circense para a Educação Infantil. **Revista Nupeart**, v. 25, p. 45-66, 2021. DOI: 10.5965/2358092525252021045.
- MESSIAS, Adria Maria. **Atividades circenses na Educação física escolar**: uma proposta para a Educação infantil. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2020.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- PASQUALINI, Juliana Campregher. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 31-40, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/30217>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- PITARCH, R. Los juegos malabares: justificación educativa y aplicación didáctica en la ESO. **Revista Apunts**, n. 61, p. 56-61, 2000.
- SANTOS NETA, Helena Cândida; ARAUJO Ana Caroline Correia de; SILVA, Anne Emanuelle Cipriano da, GOMES, Sandra Lúcia Amorim; Treino de habilidades sociais na educação infantil: contribuições para as relações interpessoais. **Anais IX CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/98712>>. Acesso em: 30/01/2024 11:31
- TAKAMORI, Flora Sumie, BORTOLETO, Marco Antônio Coelho, PALMEN, Mario Johannes Enricos, CAVALLOTTI, Thais Di. Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: um relato de experiência. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/3827/6f97f2ff36d37bd7598788831a701598fc78.pdf> Acesso em: 17 jan. 2024
- TANAN, Danielle Lopes; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Acrobacia coletiva. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (Org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. São Paulo: Fontoura, 2008, p. 105-112.
- TASSONI, Elvira Cristina Martins; LEITE, Sérgio Antônio da Silva; Um estudo sobre emoções e sentimentos na aprendizagem escolar. **Comunicações**, Piracicaba, ano 18, v. 2, jul./dez., 2011.
- THIOLLENT, Michel Jean Marie. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 4. ed. São Paulo: Polis, 1985.
- TORRES, Tallyta Gabriella de Oliveira; DANTAS, Renata Aparecida Elias. Artes circenses: acrobacia coletiva como conteúdo da educação física escolar. **Universitas: Ciências da Saúde**, v. 15, n. 1, p. 1-7, 2017.
- VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- YONAMINE, Mariane Harue; ROSSI, Fernanda. Experimentando as atividades circenses e ressignificando as relações sociais na escola. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 33, p. 01-24, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021e77923> . Acesso em: 1 mar. 2024.
- ZAIM-DE-MELO, Rogério; GODOY, Luís Bruno de; BRACCIALLI, Felipe. Quando o nariz vermelho se encontra com a Educação Física: potencialidades do palhaço como conteúdo na escola. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-20, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2020e76909>. Acesso em 12 jun. 2024